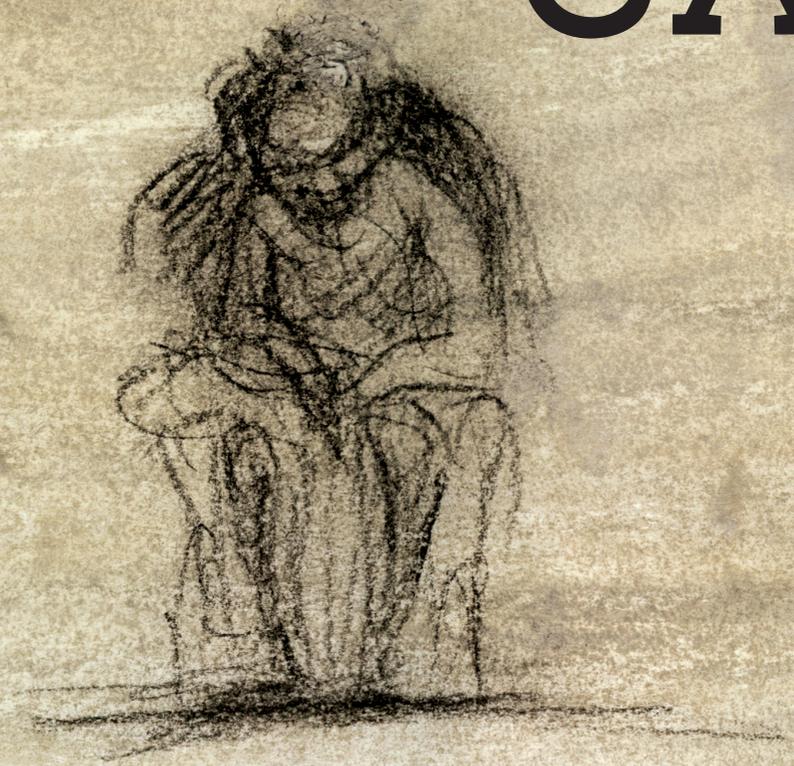




CAMBACO

MANU MALTEZ



© MANU MALTEZ, 2016

COORDENAÇÃO EDITORIAL Adilson Miguel e Graziela Ribeiro dos Santos

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Olívia Lima

REVISÃO Marcia Menin

EDIÇÃO DE ARTE E PROJETO GRÁFICO Rita M. da Costa Aguiar

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Alexander Maeda

IMPRESSÃO Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maltez, Manu
Cambaco / Manu Maltez ; [ilustrações do autor]. -- São Paulo :
Edições SM, 2016.

ISBN 978-85-418-1631-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Literatura juvenil I. Título.

16-06876

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição abril de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

FONTES: Henderson slab, Rift e Dante

PAPEL: Offset 120 g/m²

*“Já faz tempo que o tempo se perdeu
Só Cambaco se lembra de achar”*

Versos da canção “Cambaco”,
de Vicente Barreto e Manu Maltez

PARA VICENTE BARRETO,
QUE ME PASSOU O RITMO
DESSE CAMINHAR.

PARA ELY BUENO,
QUE ME APONTOU O RISCO
DE DESENHAR.

AGRADECIMENTO ESPECIAL
A ADILSON MIGUEL, POR MAIS UM LIVRO.

MANU MALTEZ nasceu em São Paulo, em 1977. É um artista que trabalha com diversas linguagens: artes visuais, música, texto e cinema. Tem vários livros publicados, entre eles a versão livre em imagens para o poema *O Corvo*, de Edgar Allan Poe (prêmio Jabuti de Ilustração), e *Desequilibristas* (Prêmio FNLIJ). *Cambaco* é também o nome de uma música (feita em parceria com o compositor baiano Vicente Barreto, que em 2016 lançou um disco de mesmo nome) e de um curta-metragem de animação dirigido e desenhado por Maltez. Para ver o curta, ouvir a música e saber mais sobre o autor, acesse: www.manumaltez.com.

“Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
[...]
Amanhã recomeço.”

(Versos do poema “O elefante”,
de Carlos Drummond de Andrade)

Em Moçambique, o elefante velho, afastado da manada, chama-se cambaco. Esta é a única palavra deste livro, a aparente chave para sua leitura.

No decorrer das páginas, esse animal caminha em sua solidão. A atmosfera tem algo de ancestral, mítico, alguma coisa de surreal, onírico, por vezes grotesco. O leitor maduro, mesmo que ainda jovem, acompanhará o personagem em contínua perplexidade. Será confrontado com enigmas e terminará por tecer, junto ao poeta-desenhista, sua escritura silenciosa.

Manu Maltez é um autor de muitas facetas: escritor, músico, cineasta, artista plástico. Essa sensibilidade tão múltipla se revela neste trabalho no uso diversificado de planos e recursos formais e, principalmente, no desenho de grande economia. Sua paleta se reduz a poucas tonalidades. Seu traço deixa à mostra o movimento, a espontaneidade do pincel, que procura e esboça. É nessa crueza que alcança vigor e expressividade.

Essa eloquência com o mínimo coincide, por assim dizer, com as dicotomias do personagem. O que há em um elefante que nos remete ao mesmo tempo ao excesso e à falta, à selva e ao circo, à força e à fragilidade?

Sua figura, tão presente na mitologia, carrega essa dualidade de opostos, como o deus Ganesh, com sua cabeça de elefante e um rato de montaria. Talvez nesse animal extravagante vejamos a nós mesmos, o que de paradoxal há na humanidade.

Em *Cambaco*, o homem velho é devorado pelo elefante, que, por sua vez, é devorado por uma baleia. Joseph Campbell, no livro *O herói de mil faces*, conta

uma história zulu em que uma mãe e duas crianças, engolidas por um elefante, encontram no estômago do animal rios e florestas. O elefante representa então a imensidão do inconsciente, a grande mãe, o útero do mito de renascimento, lugar que, por excelência, é da baleia — é dentro dela que Jonas vive seu inferno até ser devolvido à terra. Também Mircea Eliade fala sobre o mito iniciático e a travessia necessária: entrar e sair do labirinto.

Manu desenha essa viagem por um mundo avassalador de minotauros e girafas sem pernas. Talvez fale de nosso tempo, este tempo em que a guerra explode sem cessar, em que um sistema perverso acelera as desigualdades, em que toda a natureza é colocada em risco...

Cambaco atravessa esses cenários desolados e segue em frente. Uma ave se aproxima — volto a me lembrar dos mitos de passagem, nos quais o pássaro representa crescimento e elevação. No entanto, a ave revela-se um abutre. Cambaco definitivamente caminha para a morte.

Quem sabe seu alento final seja também um sopro criativo. Teríamos então o renascimento que falta para o mito se completar: o do homem velho, engolido pelo elefante, na continuidade da vida humana.

Vale observar nas páginas finais, que anunciam a última travessia, a mudança do traço do artista, que abandona a busca inquieta por uma imprevista leveza.



